



Ministério do Meio Ambiente
Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
GERÊNCIA EXECUTIVA DO ESTADO DO ACRE
Escritório Regional de Cruzeiro do Sul



RELATÓRIO

Da Denúncia:

Invasão da Terra Indígena Ashaninka do Rio Amônia, município de Marechal Thaumaturgo/AC, por madeireiros Peruanos para extração de Mogno e Cedro.

Dos Relatos:

Durante uma reunião na aldeia Ashaninka no dia 18 de janeiro do corrente ano, reunião esta que antecedia um evento de soltura de Quelônios (projeto de repovoamento do Rio Amônia realizado pelos índios com apoio do Ibama), com a presença da Superintendente do Ibama no Estado do Acre e do Comandante do 61º Batalhão de Infantaria da Selva, ouvimos a súplica daquele povo.

Em relatos emocionados, clamavam-nos por justiça. Cansados de verem suas terras invadidas por madeireiros peruanos que, segundo eles, desde do ano de 2000 entram naquela terra indígena, território brasileiro, abrem largos varadouros na mata e por eles transportam a madeira roubada, mogno e cedro, para o país vizinho.

Ainda segundo os Ashaninkas, em novembro do ano passado eles capturaram três peruanos num acampamento que os invasores ergueram no lado brasileiro. Essas pessoas foram entregues à Polícia Federal.

Os índios falaram que apesar já terem havido ações empreendidas pelo Ibama, Exército Brasileiro e Polícia Federal, os mesmos não são informados dos resultados obtidos por essas ações. O que inevitavelmente passa para aquela comunidade um sentimento de descaso, dos órgãos responsáveis, para com o problema. Esse sentimento é ainda mais potencializado uma vez que o povo Ashaninka afirma que as invasões continuam acontecendo e caminhando para o norte. No que diz respeito ao Ibama, essa informação é por demais preocupante para PARNA da Serra do Divisor, já que o mesmo tem sua fronteira ao Sul muito próxima do Território Indígena dos Ashaninkas.

Da constatação:

Após ouvimos aqueles relatos, fui designado para, juntamente com uma equipe da TV Acre, ser levado pelos índios até local do acampamento onde os peruanos foram capturados. No dia seguinte, 18 de janeiro, após 45 min de voadeira subindo o Rio Amônia, entramos numa picada na mata à margem esquerda do Rio. Por essa trilha muito fechada, começamos a ver as primeiras peças de Mogno após duas horas de caminhada, peças essas que segundo os índios que nos acompanhavam, estavam a cerca de 5Km da fronteira. Continuamos pela trilha por mais uma hora e chegamos ao local do acampamento. Segundo as informações que recebemos dos indígenas, ali estávamos a cerca de 1Km da fronteira. O acampamento foi incendiado pelos próprios índios na ocasião da captura dos invasores.

Durante nossa caminhada, podemos constatar a abertura de varadouros com mais de três metros de largura por onde, com o auxílio de carroças, a madeira é retirada. Vimos árvores de Mogno derrubadas com mais de três metros de diâmetro. Porém, essas árvores não eram de corte recente. Algumas tinham meses e outras anos de corte. Questionamos onde poderíamos encontrar peças de corte recente, mas fomos desencorajados pelos próprios indígenas devido ao risco de confronto com os peruanos. O que acatamos o uma que tínhamos ido sem a proteção requerida em tais casos. No total, constatamos a derrubada de 6 árvores ao longo da trilha. Esse número, afirmam os indígenas, seria bem superior se saíssemos da trilha e também se seguissemos além do acampamento em direção a fronteira. Mas como já exposto aqui, o potencial de risco de tal atitude seria muito elevado.



Figura 1: Panorâmica do acampamento erguido pelos peruanos e incendiado pelos índios em novembro de 2002.



Figura 2: Acampamento por outro ângulo.



Figura 3: Árvore de Mogno com mais de 3,0 metros de diâmetro derrubada pelos Peruanos em território brasileiro, segundo os Ashaninkas.

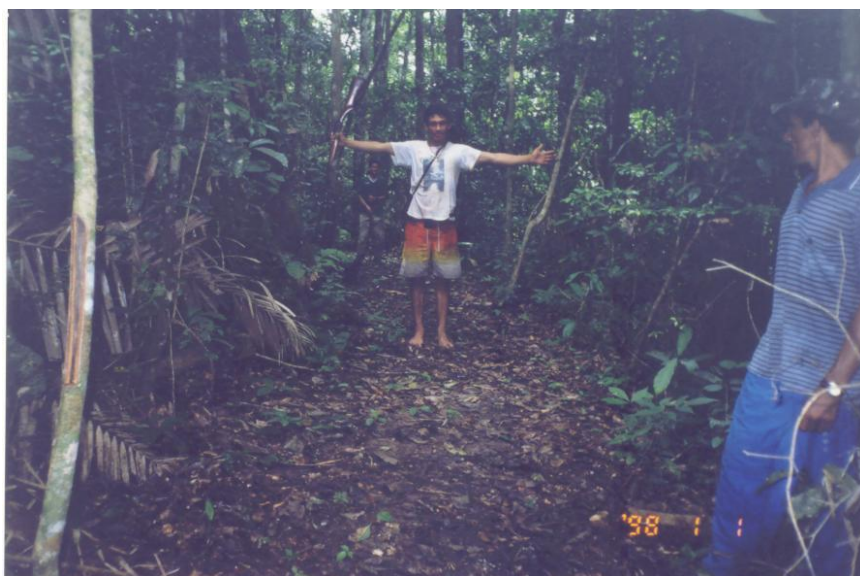


Figura 4: Varadouro com 3,0 metros de largura aberto pelos peruanos em território brasileiro para transporte da madeira.

Das Sugestões:

É contundente a falta que uma presença mais ostensiva do estado faz em regiões como essas. O território indígena do Ashaninkas do Rio Amônia faz fronteira ao Leste com a RESEX do Alto Juruá, ao Oeste e ao Sul com o Peru e ao Norte com o município de Marechal Taumaturgo e, este com a porção Sul do PARNA da Serra do Divisor. Na margem direita do Rio Amônia em frente a sede de Marechal Taumaturgo, já na área da RESEX, existe o aeroporto municipal. Acredito que ali seria o lugar ideal para ser erguido

um posto avançado do Ibama. Devido sua localização estratégica, esse posto ofereceria a infra-estrutura necessária às ações naquela região tanto do Ibama como do Exército e da Polícia Federal –a exemplo do que vem acontecendo na sede administrativa do PARNA da Serra do Divisor no Rio Moa.

Cruzeiro do Sul/AC, 06 de fevereiro de 2003.